

O mundo segundo

BOB

JAMES BOWEN



O mundo segundo

BOB

JAMES BOWEN

Tradução de José Lima Ferreira

1

O guarda-noturno

Estava a ser um daqueles dias em que tudo o que pode correr mal corre pior.

Para começar, o meu despertador não tocou e eu dormi para além da hora. O meu gato, Bob, e eu já estávamos atrasados quando saímos do meu apartamento, situado em Tottenham, no norte de Londres, para apanhar o autocarro para Islington, onde eu vendia a revista *The Big Issue*, destinada a ajudar os sem-abrigo. Menos de cinco minutos depois de entrarmos no autocarro, tivemos ainda mais um contratempo.

Bob estava sentado na sua posição habitual, meio adormecido no lugar ao lado do meu, quando, de repente, levantou a cabeça e olhou em redor com um ar desconfiado. Desde que eu o conhecesse, dois anos antes, a capacidade de Bob para detetar contrariedades revelara-se quase infalível. Instantes depois, pairava em todo o autocarro um cheiro acre a queimado e o condutor anunciava que a viagem seria «cancelada» e que todos os passageiros teriam de sair «imediatamente».

Não foi propriamente a evacuação do *Titanic* mas, estando três quartos do autocarro ocupados, houve uns quantos empurrões e encontrões caóticos. Como Bob parecia não ter pressa, deixámos sair primeiro a maior parte dos passageiros. Foi uma decisão acertada: o cheiro do autocarro era terrível, mas pelo menos mantivemo-nos quentes.

Sáímos diante de uma nova e ampla zona de construção de onde nos chegava um vento glacial, impetuoso. Congratulei-me com o facto de, antes de sairmos intempestivamente de casa, eu ter colocado à pressa um cachecol de lã bem quente ao pescoço de Bob.

Afinal, a inquietante avaria não passava de um sobreaquecimento do motor, mas o motorista tinha de esperar por um mecânico da empresa para efetuar a reparação. Assim, entre muitos murmúrios e queixas, cerca de duas dezenas de passageiros, incluindo Bob e eu, ficamos de pé durante quase meia hora no passeio, ao frio, à espera de um novo autocarro.

O trânsito do final da manhã era terrível. Quando Bob e eu saímos no nosso destino, Islington Green, tínhamos passado mais de uma hora e meia na estrada. Estávamos muito atrasados. Eu ia perder a hora de almoço, um dos períodos mais lucrativos para quem vende a revista. Como sempre, a caminhada de cinco minutos até ao nosso ponto de venda junto à estação de metro de Angel teve várias paragens. Era sempre assim quando tinha Bob comigo. Por vezes, ele caminhava ao meu lado, preso apenas por uma trela de couro, mas, na maior parte dos dias, viajava empoleirado nos meus ombros, observando, curioso, o mundo como se estivesse no posto de observação de um navio. Não era uma visão a que as pessoas estivessem habituadas e, por conseguinte, nunca conseguíamos andar mais do que umas centenas de metros sem que alguém quisesse dizer-lhe alguma coisa, fazer-lhe festas, tirar-lhe uma fotografia. Isso não me incomodava, de todo. Ele era um pequenote carismático, com um aspeto invulgar, e eu sabia que ele adorava receber toda aquela atenção, desde que as pessoas fossem afáveis. Infelizmente, nem sempre era esse o caso.

A primeira paragem daquela manhã deveu-se a uma pequena senhora russa que sabia tanto sobre a interação com gatos como eu sobre declamação de poesia russa.

– Oh, *koschka*, tão bonito – disse ela, cortando-nos o caminho em Camden Passage, a estreita rua de restaurantes, bares e antiquários que atravessa a parte sul de Islington Green. Parei para a deixar dizer-lhe olá, mas ela estendeu imediatamente a mão e tentou tocar-lhe no nariz. Não foi uma ideia brilhante.

A primeira reação de Bob foi defender-se, sacudindo intempes-
tivamente a pata e miando de forma ruidosa e enfática. Felizmente,
não arranhou a senhora, mas, como a deixou um tanto abalada,
detive-me durante alguns minutos para ter a certeza de que ela se
sentia bem.

– Está tudo bem, está tudo bem. Só quero ser tua amiga – tentou
ela, já muito pálida. Tendo em conta a sua idade avançada, eu re-
ceava que ela sucumbisse, por exemplo, a um ataque cardíaco.

– A senhora nunca deve fazer isso a um animal – expliquei, sor-
rindo e falando de forma tão afável quanto possível. – Como rea-
giria se alguém lhe tentasse tocar no rosto? Teve sorte em não ser
arranhada.

– Não queria perturbá-lo – respondeu. Eu tive alguma pena dela.

– Vamos, ainda podem vir a ser amigos – disse eu, conciliador.

A princípio, Bob mostrou-se relutante. Parecia já ter tomado
a sua decisão. Acabou, contudo, por se mostrar sensível e permitir
que ela passasse a mão, muito lentamente, pelo seu pescoço. A se-
nhora sentia-se tão culpada que não arredava pé.

– Peço desculpa, peço desculpa – repetia.

– Não tem importância – repliquei, desesperado por retomar
a viagem.

Lá nos conseguimos desembaraçar da senhora e, quando chegá-
mos junto à estação de metro, pousei a minha mochila no chão para
que Bob se pudesse estender sobre ela – seguindo a nossa rotina
habitual – e comecei a organizar a pilha de revistas que comprara
no dia anterior ao coordenador da *The Big Issue* responsável pela
zona de Islington Green. Eu tinha definido o objetivo de vender
pelo menos umas vinte e cinco revistas naquele dia porque, como
sempre, precisava de dinheiro.

Contudo, perdi rapidamente as ilusões.

Pairavam sobre Londres, desde o meio da manhã, nuvens amea-
çadoras e compactas e, antes que eu pudesse vender uma única
revista, o céu desabou, obrigando Bob e eu a abrigar-nos a alguns
metros do nosso ponto de venda, numa passagem subterrânea para
peões próxima de um banco e de alguns prédios de escritórios.

Bob é um animal resistente, mas detesta realmente a chuva,

sobretudo quando as gotas são muito frias, como naquele dia. O seu corpo parecia encolher. O seu pelo claro, da cor de doce de laranja, também se afigurava um pouco mais cinzento e menos exuberante. Como seria de prever, pararam menos pessoas para interagir com ele, o que diminuiu o meu volume de vendas.

Como a chuva não dava sinais de abrandar, Bob cedo deixou bem claro que não queria ficar ali. Lançava-me permanentemente olhares severos e, como um ouriço arruivado, fechava-se numa bola. Eu percebia a mensagem, mas não podia fugir à realidade. O fim de semana aproximava-se e eu precisava de ganhar dinheiro suficiente para nos sustentar aos dois. O problema era que a minha pilha de revistas ainda estava tão volumosa como quando chegáramos.

Como se o dia não estivesse já a correr mal, a meio da tarde, um jovem polícia fardado começou a fazer perguntas sobre o meu ponto de venda. Não era a primeira vez que o fazia, nem seria seguramente a última, mas, naquele dia, eu dispensava o interrogatório. Eu conhecia a lei; tinha todo o direito de vender revistas naquele local. Usava ao peito o meu cartão de vendedor registado e, desde que não perturbasse a ordem pública, podia vender revistas naquele local de manhã à noite. Infelizmente, não tendo certamente nada melhor para fazer, insistiu em revistar-me. Eu não percebia ao certo qual era o seu objetivo. Talvez procurasse drogas ou uma arma perigosa, mas não encontrou nem uma coisa nem outra.

Insatisfeito com a busca infrutífera, decidi fazer perguntas sobre Bob. Expliquei-lhe que o registara como meu animal de estimação e que já lhe fora colocado o *chip*. As minhas respostas pareceram irritá-lo ainda mais, mas ele acabou por seguir o seu caminho com um semblante quase tão carregado como o céu.



Eu insisti mais algumas horas, mas, ao final do dia, quando os trabalhadores dos escritórios já tinham regressado a casa e as ruas começavam a encher-se de alcoólicos e miúdos à procura de sarihos, decidi dar o dia por terminado.

Sentia-me desanimado; não vendera sequer dez revistas e o lucro era bastante inferior ao que eu havia previsto para um dia normal. Contudo, o facto de ter vivido tantos anos a comer feijão enlatado e fatias de pão de forma que mais ninguém comprava era garantia suficiente de que não passaria fome. Tinha dinheiro suficiente para ativar o gás e a eletricidade¹ e para comprar uma ou duas refeições para mim e para Bob. Isso implicaria, porém, trabalhar mais um fim de semana, algo que eu procurara a todo o custo evitar, sobretudo porque se previa mais chuva e eu não me sentia nas melhores condições.

Quando me sentei no autocarro que nos levaria a casa, senti até à medula os primeiros sinais de gripe. Tinha dores no corpo e sentia-me febril. *Ótimo, era só o que me faltava*, pensei, afundando-me no meu lugar e preparando-me para dormir.

Àquela hora, o céu escurecera já totalmente e os postes de iluminação brilhavam de forma intensa. Havia algo na noite de Londres que fascinava Bob. Enquanto eu dormitava, ele olhava fixamente pelo vidro, perdido no seu mundo.

No regresso a Tottenham, o trânsito estava tão difícil como de manhã, obrigando o autocarro a avançar a passo de caracol. Algures a seguir a Newington Green, devo ter adormecido profundamente.

Acordei com a sensação de que me tocavam ao de leve no braço e me faziam cócegas no rosto. Abri os olhos e percebi que Bob estava muito perto de mim e me tocava com a pata no joelho.

– O que foi? – perguntei, algo enfadado. Ele limitou-se a inclinar a cabeça em direção à parte da frente do autocarro. A seguir, preparou-se para saltar do assento e lançou-me alguns olhares um pouco amedrontados. Eu preparava-me para perguntar onde é que ele pensava que ia, mas bastou-me olhar pela janela para perceber onde estávamos.

– Porra! – exclamei, saltando do meu lugar. Peguei na mochila e carreguei no botão mesmo a tempo. Trinta segundos depois teria sido tarde de mais. Não fora o meu pequeno guarda-noturno, teríamos passado a nossa paragem.

¹ No Reino Unido, utilizam-se frequentemente contadores com ranhuras para cartões pré-pagos. (*N. do T.*)

No caminho para casa, entrei na loja de conveniência situada na esquina da nossa rua e comprei um medicamento barato para a gripe. Para Bob, comprei algo para mordiscar e os seus pedaços de frango preferidos para comer ao jantar: era o mínimo que eu podia fazer. Fora um dia terrível e seria normal que eu me pusesse a lamentar a minha sorte. Contudo, já aquecido no meu pequeno T1, vendo Bob devorar a sua comida, percebi que, na verdade, não tinha muito de que me queixar. Se tivesse continuado a dormir no autocarro, poderia perfeitamente ter acabado a quilómetros de distância de casa. De resto, olhando pela janela, percebia que o tempo estava a piorar. À chuva, poderia perfeitamente ter agravado a minha ligeira gripe. Escapara de boa.

Além disso, eu sabia que era um homem de sorte num sentido mais profundo. Segundo um ditado antigo, um homem sábio é aquele que não sofre pelo que não tem, antes se sente grato pelas coisas boas que possui.

Após o jantar, sentei-me no sofá, embrulhado num cobertor, a beber uma espécie de ponche com mel, limão, água quente e ainda uma gota de uísque de uma pequena garrafa de miniatura que tinha algures no apartamento. Olhei para Bob, que dormia satisfeito no seu lugar preferido, junto ao radiador, há muito alheado das peripécias do dia. Naquele momento, ele não podia estar mais feliz. Pensei que devia ver o mundo da mesma forma. Atravessava um período da minha vida em que tinha muitos motivos para me sentir um felizardo.



Tinham passado sensivelmente dois anos desde que eu encontrara Bob deitado, ferido, no rés do chão do meu prédio. Quando o vira sob a luz escassa do corredor, ficara com a sensação de que ele tinha sido atacado por outro animal. Tinha feridas na parte de trás das patas e no tórax.

A princípio, convenci-me de que ele teria dono mas, depois de o ver no mesmo lugar vários dias seguidos, levei-o para o meu apartamento e tratei-o até ele ficar curado. Gastei quase todo o dinheiro

de que dispunha em medicamentos, mas valeu a pena. Eu adorei ter companhia e ambos criámos uma ligação imediata.

Presumi que a relação não duraria muito tempo. Como parecia tratar-se de um animal vadio, eu estava preparado para o ver regressar à rua. Mas ele recusou-se a sair do meu lado. Todos os dias eu tentava deixá-lo no passeio para que seguisse o seu caminho, mas todos os dias ele me seguia rua fora ou aparecia no corredor à noite, convidando-se a si mesmo a passar a noite comigo. É comum dizer-se que são os gatos que nos escolhem e não o contrário. Percebi que ele me tinha escolhido quando, certo dia, me seguiu até uma paragem em Tottenham High Road, percorrendo uns bons mil e quinhentos metros. Estávamos longe de casa e, por conseguinte, quando o encontrei e o vi desaparecer na multidão de gente atarefada, imaginei que nunca mais o veria. Acontece que, quando o autocarro já se afastava do passeio, aquela mancha cor de laranja entrou no veículo, vinda do nada, e acomodou-se no lugar ao lado do meu. Assunto encerrado.

Desde então, somos inseparáveis, somos uma dupla de almas perdidas que procura sobreviver nas ruas de Londres.

Ocorreu-me até que seríamos almas gémeas, numa relação em que um ajudava o outro a curar as feridas de passados turbulentos. Eu proporcionava a Bob companhia, alimentação e um lugar quente onde ele podia repousar à noite e, em troca, recebia uma nova esperança e um novo objetivo para a minha vida. Ele trouxe à minha vida lealdade, afeto e humor, além de um sentido de responsabilidade que eu nunca sentira. Também me deu objetivos e ajudou-me a ver o mundo com uma clareza que me abandonara havia muito tempo.

Durante mais de uma década, eu fora toxicodependente e dormira à porta de prédios, em abrigos para indigentes ou em quartos minúsculos em diversas zonas de Londres. Em longos períodos desses anos perdidos, eu vivia alheado do mundo, à mercê da heroína, anesthesiado para evitar a solidão e a dor do meu quotidiano.

Enquanto sem-abrigo, tornara-me invisível para a maioria das pessoas. Por esse motivo, já não sabia, em muitas situações, posicionar-me no mundo real e interagir com os outros. Sentia-me, de algum modo, «desumanizado». Estava morto para o mundo. Com

a ajuda de Bob, comecei lentamente a recuperar a energia. Consegui dar passos de gigante para me livrar do vício da droga, deixando primeiro a heroína e depois a metadona. Continuava medicado, mas conseguia ver a luz ao fundo do túnel e esperava livrar-me em breve de todas aquelas substâncias.

Não foi, de todo, um processo fácil. Nunca o é para um toxicodependente. Eu ainda tinha o hábito de, por cada passo em frente, dar dois atrás, e trabalhar nas ruas também não ajudava. Não era um ambiente em que abundasse a generosidade humana. Havia sempre sarilhos ao virar da esquina; era essa, pelo menos, a minha sensação. E eu sempre tive o dom de atrair sarilhos.



A verdade é que eu desesperava por abandonar as ruas e deixar aquela vida para trás. Não fazia ideia de quando ou como isso seria possível, mas estava determinado a tentar.

Naquele período, o mais importante era valorizar o que tinha. Para a maioria das pessoas, seria muito pouco. Nunca dispunha de muito dinheiro, não vivia numa casa vistosa, não tinha carro. Contudo, a minha vida estava muito melhor do que num passado

recente. Tinha o meu apartamento e o meu trabalho como vendedor da *The Big Issue*. Pela primeira vez em muitos anos, sentia que estava no bom caminho. E tinha Bob, que me oferecera a sua amizade e um rumo.

Depois do ponche, decidi deitar-me mais cedo. Quando me levantei do sofá, inclinei-me sobre ele e fiz-lhe cócegas, ao de leve, no pescoço.

– Onde estaria eu sem ti, meu amigo?